Ensino – Aprendizagem de Geografia em cursos pré-vestibulares sociais: experiência do preparatório da UFRRJ

Carolina Alves Fantinato e Lucas Dias de Souza

Graduandos de Geografia - Departamento de Geociências/IA - UFRRJ-Brasil

Apresentação

No Brasil, para ingressar em uma Universidade, o jovem passa por um exame chamado VESTIBULAR, onde são avaliados os conhecimentos dos alunos durante toda sua vida escolar. Entretanto, como o aumento da concorrência nos vestibulares, criou-se o PRÉ-VESTIBULAR ou apenas PRÉ como dizem alguns. Esses PRÉs são cursos que explicam em um ano (ou até menos) todo o conteúdo das disciplinas que serão cobradas no vestibular, assim, o pré vestibular estimula e colabora no ensino aprendizagem, ajudando os candidatos a obter aprovação.

O problema é que o modelo adotado atualmente no Brasil para o ingresso ao ensino superior tem servido para aumentar as desigualdades existentes no País. Uma vez que as famílias mais abastadas colocam seus filhos em bons colégios, pagam excelentes cursos preparatórios fazendo que seus filhos alcancem êxito no vestibular, enquanto os mais pobres sem condições de estudar em uma boa escola acabam reprovados.

A idéia dos cursos preparatórios sociais surgiu para tentar reduzir estas desigualdades pois ao minimizar as desigualdades de conteúdo ensinadas daria condição de um aluno carente poder se preparar, passar no vestibular e ingressar numa universidade. Por todo o país multiplicam-se os cursos sociais, entretanto, também se multiplicam os problemas nestes cursos.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir das experiências dos estagiários do curso preparatório da UFRRJ – Brasil: Os monitores de

Geografia Carolina Alves Fantinato e Lucas Dias de Souza em sua tarefa de ensinar geografia em uma turma de um PRÉ SOCIAL.

Apresentamos um pequeno resumo de como funciona o curso, os alunos, e logo a seguir, discorremos acerca de alguns problemas, desafios que enfrentamos e apresentamos algumas sugestões para esses problemas. Acreditamos que com este texto poderemos contribuir para a reflexão sobre Ensino-Aprendizagem de conteúdos de geografia em todos os ambientes de atuação de ensino não formais.

O CURSO E OS ALUNOS

O curso preparatório para o ENEM da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro é um curso para pessoas carentes e está vinculado ao Decanato de Extensão da referida Universidade. O público alvo do curso são alunos que tenham concluído ou estejam concluindo o ensino médio, residentes preferencialmente no município de Seropédica/RJ (cidade onde se localiza o campus central da Universidade e o Curso) e que desejam se preparar para o ingresso no ensino superior.

No preparatório da UFRRJ, como em tantos outros cursos sociais, os alunos têm aulas de português, redação, matemática, história, geografia, química, física, biologia e espanhol, distribuídas de segunda a sexta-feira no período noturno e aos sábados das 8 horas às 12 horas.

Os alunos são selecionados mediante uma seleção anual em que são analisados os perfis socioeconômicos dos alunos. Dando-se prioridade aos candidatos mais carentes, os mais idosos e os residentes em Seropédica/RJ, nesta ordem. Assim, temos um público bem necessitado e carente sendo atendido pelo curso preparatório.

UFRRJ E O MUNICIPIO DE SEROPÉDICA

Acrescenta-se a isso o fato da Universidade estar localizada no município de Seropédica/RJ na região metropolitana do Rio de Janeiro. Apesar de contar

com uma universidade Federal, esse município tem índices baixos com relação aos assuntos educacionais.

Com 78 mil habitantes o município de Seropédica conta com cerca de 20 mil estudantes*. Entretanto poucos destes conseguem entrar na Universidade Federal existente no município. A maioria absoluta dos alunos da UFRRJ vem dos municípios vizinhos. Muito embora a economia de Seropédica seja em muito auxiliada pela presença da Rural (através de serviços como aluguel de imóveis, trasporte alternativo,etc) a população não usufrui da produção de conhecimento da Universidade. É como se houvesse um muro de separação entre a UFRRJ e o resto da cidade. Os filhos de Seropédica não se sentem pertencentes a Rural.

Na tentativa de mudar esse quadro, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro implantou o Curso Preparatório para o ENEM. E como todo curso social, o curso da Rural apresenta alguns desafios que devem ser superados pelos professores.

O PROCESSO DE SELEÇÃO

Para lecionar no Curso os estagiários passam por um rigoroso processo seletivo que, dependendo do ano, pode envolver provas escritas, provas de aula, entrevista e análise de currículo. Tudo para selecionar estagiários capazes de trabalhar com um público tão heterogêneo como o público alvo do curso.

DESAFIOS

Nem bem iniciadas as aulas, iniciam as indagações. *Como organizar a disciplina? Qual material didático utilizar?* No referido curso preferimos, por motivos didáticos foi "dividimos" o conteúdo de Geografia em Geografia Geral e Geografia do Brasil. Entretanto, longe de dividir a geografia em duas disciplina sempre buscamos um dialogo entre a Geografia Geral e a Geografia do Brasil. A mesma coisa foi feita com o material didático que buscou trazer sempre reflexão e a leitura crítica aos alunos.

Entretanto um problema recorrente dos professores dos cursos sociais é o currículo. A elaboração do currículo de Geografia é muito pragmático. Temos que ensinar aquilo que “cai no vestibular” em detrimento de outros conteúdos mais coerentes com os alunos. A Geografia do Rio de Janeiro (Estado onde se situa a Universidade) por exemplo, é abordada apenas de forma pragmática e superficial. Como apenas uma Universidade do Estado utiliza a Geografia do Rio de Janeiro em seu vestibular muitos cursos e professores apresentam esta matéria “as vésperas” da referida prova muitas vezes em forma de “bizu”. Uma matéria tão importante e tão ligado ao ambiente dos alunos é vista de forma ineficaz pois existem outras que, por terem mais chances de aparecer na prova são lecionadas com mais tempo. Sim, e muito frequentemente os assuntos abordados no Pré-vestibular não tem nenhuma relação com a realidade dos alunos que, quase sempre, classificaram a geografia como uma disciplina chata e de pura memorização.

Logo a geografia, que desde seus primórdios sempre foi entendida como arma de dominação e transformação da sociedade é classificada como chata. A ciência que estuda o mundo e a relação entre os homens, na escola é chamada de monótona e decoreba.

Com exceção de alguns professores que, com enorme esforço pessoal ou graças a um carisma inato conseguem atrair a atenção dos alunos a aula e geografia lecionada nos ambientes de ensino não-formais são chatas e destituídas de significado. Como Yves Lacoste previ-o a “Geografia dos professores” não corresponde mais a geografia das das universidades. E o conteúdo ensinado não permite mais ao aluno o poder de transformar o mundo, ao invés disso o obriga a memorizar nomes, dadas, etc.

Diferentemente da escola regular, no curso preparatório, o aluno por algum motivo quer estar alí. Mais nem assim a aprendizagem torna-se mais fácil. Um aluno que trabalha de manhã, cursa o terceiro ano do ensino médio a tarde e no período das noites vai para o curso, demonstra grande força de vontade, mais seu rendimento é inferior aquele que não tem uma jornada diária tão estressante. Por que não citar um exemplo de uma das alunas: Suelem. Ela freqüenta as aulas que terminam às dez da noite, janta e no dia seguinte sai às

4 horas da manhã para trabalhar. Só retorna às 4 da tarde quando, nas palavras dela – Descanso e tenho um tempinho pra estudar antes da aula.

A maioria destes alunos chegam ao curso atrasados e ao chegarem lá se deparam com um conteúdo totalmente fora de significado para aprenderem. Tão fora de significado que eles precisam abstrair de sua mente todos os problemas que passaram no dia-dia com o transito, o trabalho, a família, o emprego, as doenças, etc para conseguir entender matérias como geopolítica mundial, os conflitos do Oriente Médio, do Cáucaso e dos Bálcãs. Como explicar a crise *Sub Prime,* os solstícios, equinócios, as diferenças de fuso horário ou o princípio da ortodromia a uma aluna que só pensa em voltar para casa, jantar e descansar de um dia cheio de trabalho. Esse é um desafio e tanto.

Em nossa experiência buscamos uma aproximação dos conteúdos com os alunos através de comparações e até mesmo brincadeiras. Que aliais encontramos aos montes na internet. Tudo para tentar tornar o que “cai na prova” mais fácil de entender.

O extenso conteúdo também tem sido uma pedra no sapato dos professores. Como trabalhar tanto conteúdo em tão pouco tempo? É a pergunta que muitos se fazem. Para solucionar essa questão rendem-se aos livros e apostilas que, por pretenderem abordam muitos assuntos. Acabam sendo tão superficiais que não explicam coisa nenhuma. São os Aulões, os Bizus nos Exercícios de Revisão que fazem do ano de Pré-vestibular um dos piores aos da vida do vestibulando. Se é que o podemos chamar assim.

Um vestibulando de um curso social é totalmente diferente dos seus pares dos cursos privados. Enquanto este tem sobre si o peso do vestibular e o investimento da família, aquele tem sobre suas costas o peso de décadas de abandono do ensino público, a esperança de poder oferecer, em médio prazo, uma vida melhor para sua família, a preocupação de ter que estudar e trabalhar, cuidar de filhos, irmãos e/eu netos. Sem dúvida o pré-vestibulando social tem particularidades que um estudante comum não tem. Para vencer no

Vestibular o vestibulando social deve vencer antes os desafios que a vida os impõe.

O DIA-DIA EM UM CURSO SOCIAL

Como exposto acima, os cursos sociais enfrentam muitos desafios. Problemas como infra-estrutura, problemas na relação professor-aluno e aluno-aluno são apenas alguns dos inúmeros desafios enfrentados.

Por se tratarem de cursos sem financiamento, os cursos sociais enfrentam constantemente problemas com infra-estrutura. Alguns não possuem nem espaço próprio para aulas. Os locais são cedidos por escolas, prefeituras, Ongs, etc. E, por serem espaços cedidos, os donos impõem regras, que muitas vezes influem na própria prática pedagógica. Igrejas que não querem que se ministrem aulas sobre a teoria da deriva ou placas tectônicas, Centros Sociais vinculados a políticos que impedem que os alunos tenham uma reflexão a respeito da política, empresas que impedem o ensino de uma Geografia Crítica, são alguns dos casos de como o Ensino-Aprendizagem de geografia pode ser prejudicado em alguns cursos sociais.

Por sorte o curso preparatório da UFRRJ recebe o financiamento da Universidade que é pública, Laica, e não está ligada a nenhum grupo político-ideológico, portanto não tivemos esse tipo de problema. Entretanto, não tivemos a mesma sorte no que se refere as relações interpessoais.

Como em todos os ambientes escolares existem muitos problemas nas relações entre professores e alunos. Isso agravado pelo fato dos professores-estagiários serem muito novos. Quase da idade dos alunos. E terem alguns alunos mais velhos. Com idade para serem pais dos professores. Toda essa complexidade gera alguns transtornos: Falta de respeito com professor, falta de diálogo dos professores com alguns alunos mais velhos ou mais novos, etc.

Se a relação professor-aluno gerava problemas, o que dizer então das relações entre os próprios alunos. A diferença etária já mencionada era o maior dos problemas. Os alunos mais velhos e os mais novos foram separados pela organização do curso em turmas separadas. Uma medida preventiva mais que

também teve seus ônus. A turma dos vovôs e a turma da bagunça eram formas de apelidos usados para um agredir o outro. E ainda existiam casos de alunos mais novos que queriam ir para a outra turma por ser mais quieta e algumas pessoas desta turma que se sentiam mal por ser uma de idosos. Coube então ao professor e a equipe pedagógica gerir esses conflitos.

E ainda existiam problemas maiores. As diferenças culturais entre os alunos geravam conflitos graves que o professor deveria gerir. Os alunos que trabalhavam não tinham paciência com os outros. Mais o maior problema era com o preconceito em sala. Gays, Emos, Nordestinos eram muito discriminados. Muitos até saíram do curso devido a esses problemas. Isso sem falar nos problemas com namorados, ficantes, etc. O professor de geografia seria o mais indicado para discutir alguns destes problemas, pois o preconceito tem uma raiz social muito forte e que deveria ser trabalhado em sala de aula. Existia até uma aula dedicada a este tipo de assunto. Era o módulo Educação e Cidadania oferecido aos sábados. Entretanto o curto tempo nos impedia de ser mais eficaz neste sentido.

Ainda existiam aqueles casos de alunos inimigos de longa data na mesma sala ou, amigos inseparáveis em salas diferentes, e dos alunos que são simplesmente adolescentes e como tal rejeitam tudo que consideram como anacrônico e ultrapassado. Como poderíamos conseguir a Atenção destes alunos?

Aqui chegamos ao ponto crucial do presente trabalho. Diante de tamanha complexidade, como conseguir atenção dos alunos? Exercendo o máximo de disciplina? Sendo um professor bem *legal?* Utilizando *Data Shows* ou outros recursos visuais? Inúmeras técnicas foram utilizadas. Entretanto, o mais eficiente foi ministrar o conteúdo que o aluno quer aprender ou tentar fazer que o aluno queira aprender o conteúdo. E como fazemos isso? Aproximando o conteúdo com sua vida diária. Destituindo a geografia de seu estigma de disciplina maçante e devolvendo-a seu caráter atual, envolvente, e transformador.

A geografia é a única disciplina que consegue juntar as crises econômicas, os terremotos e a internet em uma aula. O esporte preferido dos alunos e a Geopolítica Mundial, A violência das grandes cidades e os alimentos transgênicos. Uma ciência assim deveria ser a preferida de dez entre dez alunos e não o contrário.

O ENEM E A NESCESSIDADE DE SE REPENSAR O PRÉ-VESTIBULAR

A introdução do ENEM como prova unificada para todas as universidades Federais do País criou a necessidade de se repensar os cursos sociais. A maioria deles mudou até de nome viraram Pré-Enem ou Pré-Universitário.

A mudança na forma de avaliação gerou alguns transtornos para alguns uma vez que o ENEM não cobra conteúdos mais sim competências e habilidades. Dentre eles podemos citar.

Competências:

> *I. Dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica.*
>
> *II. Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.*
>
> *III. Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representadas de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.*
>
> *IV. Relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.*
>
> *V. Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural. (INEP)*

Habilidades:

I. Dada a descrição discursiva ou por ilustração de um experimento ou fenômeno, de natureza científica, tecnológica ou social, identificar variáveis relevantes e selecionar os instrumentos necessários para sua realização ou interpretação.

VII. Identificar e caracterizar a conservação e as transformações de energia em diferentes processos de sua geração e uso social e comparar diferentes recursos e opções energéticas.

VIII. Analisar criticamente, de forma qualitativa ou quantitativa, as implicações ambientais, sociais e econômicas dos processos de utilização dos recursos naturais, materiais ou energéticos.

IX. Compreender o significado e a importância da água e de seu ciclo para a manutenção da vida, em sua relação com condições socioambientais, sabendo quantificar variações de temperatura e mudanças de fase em processos naturais e de intervenção humana.

X. Utilizar e interpretar diferentes escalas de tempo para situar e descrever transformações na atmosfera, biosfera, hidrosfera e litosfera, origem e evolução da vida, variações populacionais e modificações no espaço geográfico

XII. Analisar fatores socioeconômicos e ambientais associados ao desenvolvimento, às condições de vida e saúde de populações humanas, por meio da interpretação de diferentes indicadores.

XIII. Compreender o caráter sistêmico do planeta e reconhecer a importância da biodiversidade para preservação da vida, relacionando condições do meio e intervenção humana.

XVI. Analisar, de forma qualitativa ou quantitativa, situações-problema referentes a perturbações ambientais, identificando fonte, transporte e destino dos poluentes, reconhecendo suas transformações; prever

efeitos nos ecossistemas e no sistema produtivo e propor formas de intervenção para reduzir e controlar os efeitos da poluição ambiental.

XVII. Na obtenção e produção de materiais e de insumos energéticos, identificar etapas, calcular rendimentos, taxas e índices, e analisar implicações sociais, econômicas e ambientais.

Assim os cursos sociais estão aos poucos se adequando a essa nova realidade e esse novo tipo de prova. O objetivo do ENEM não é mais apenas fazer o aluno reproduzir tudo aquilo que ele decorou mais interpretar dados, criar soluções, etc. Já existem até alguns projetos de se reformular o ensino médio para se adequar a essas exigências. O colégio Pedro II no Rio de Janeiro é um dos colégios que estão implantando o *Ensino Médio Inovador* de forma experimental.

E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL? ONDE FICA?

Não podemos deixar de destacar a ideologia que está por traz dos pré-vestibulares. À medida que, em nenhum momento contribui para a melhora do ensino público mais para a reprodução do "*status quo"* dominante, onde somente alguns têm direito ao ensino de qualidade e a grande maioria da população fica a margem destes direitos. Os cursos sociais não melhoram a educação, apenas oferecem um paliativo para um problema que tem uma causa social. É o capitalismo influenciando na educação.

E, se pensarmos bem, os cursos sociais também têm seu grau de contribuição. Pois na maioria deles (dados as circunstâncias) a geografia e transmitida como um conhecimento neutro e apolítico. Necessário apenas a vestibular e para mais nada. A educação ganha um viés mercadológico e tecnicista. Com ênfase na memorização e transmissão de conhecimentos.

Não, o conhecimento não é construído com os alunos. Ele é transmitido pelo professor como verdade absoluta que precisa ser aprendida e decorada o mais rápido possível. Afinal de contas, o vestibular e os simulados parecem ser mais importantes que a reflexão. A transmissão de conhecimento é mais

importante que a transformação da sociedade e a matéria mais importante que os conteúdos.

E, infelizmente não vejo como essa situação poderia mudar, uma vez que o tempo e a pressão por resultados engessam as práticas pedagógicas críticas dos Pré vestibulares, sociais ou não. Isso sem falar que, o objetivo dos alunos do pré vestibular é adquirir conhecimentos que o permitam ter êxito nos concursos e não uma educação reflexiva. Prova disso é que muitos alunos decidem fazer dois cursos. Um comunitário e outro pago, em geral, mais barato por ter menos aulas.

Como poderia o professor fazer de seus alunos cidadãos críticos se o único objetivo deles é passar no vestibular? Se os seus objetivos não são derrubar o sistema mais sim vencer dentro dele. Como explicar a um jovem ávido por compras que é a sociedade consumista que o fez assim e que isto é errado? Tais indagações permearam nossa prática pedagógica durante todo o ano letivo.

Conseguimos certo êxito quando apresentamos aos alunos as conseqüências negativas do capitalismo. Através de filmes, músicas e ou imagens mostramos aos alunos o “outro lado da moeda” capitalista. Mostramos as conseqüências do capitalismo voraz e que a mídia não mostra. Poderíamos citar a miséria, violência, aquecimento Global, dentre outros efeitos que o capitalismo desenfreado provoca na sociedade.

RESULTADOS DO PRÉ-ENEM

No ano de 2010 o curso sofreu com a rotatividade de monitores e alunos. Para dados gerais começamos com 15 monitores e 300 alunos matriculados e freqüentadores. Ao longo do ano tivemos reajustes que nos obrigaram a terminar com 11 monitores e a rotatividade de aproximadamente 900 alunos.

Como já foi mencionado em parágrafos anteriores o Brasil implantou o vestibular unificado em 2009, com o objetivo de viabilizar vagas em universidades públicas para qualquer classe da população. Esse modelo foi implantado a dois anos e a pesar da prova acontecer desde 1998 medindo os

índices educacionais do aluno, o Enem ainda está sofrendo com erros operacionais e a aceitação das Universidades. Também ocorre o vestibular para a educação à distância onde o aluno estuda em regime semipresencial.

Em agosto de 2010 tivemos a feliz notícia de que aproximadamente dez alunos do Pré-Enem conseguiram passar no Cederj – Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro, este é um dos vestibulares que ocorrem no meio do ano para pessoas que já concluíram o segundo grau e que tem a oportunidade de ter um ensino público, gratuito e de qualidade em regime semipresencial.

Infelizmente os resultados concretos dos alunos para as provas que ocorreram este ano ainda não podem ser cogitados, pois em fevereiro de 2011 as classificações e as chamadas do vestibular unificado ENEM ainda estão sendo feitas.

COMO AVALIAMOS O RESULTADO DE UM CURSO COMUNITÁRIO

Muito embora os resultados do pré-vestibular não pareçam muito animadores deve-se lembrar que esses alunos nunca fizeram nenhuma prova de universidade antes e nenhum outro curso preparatório. Sendo assim, no mínimo compreensível o número baixo de aprovações.

Assim, deve-se destacar que não existe uma única forma de se medir os resultados de um curso social. Deve-se considerar a evolução dos alunos em todos os sentidos. A superação dos preconceitos herdados da sociedade (tais como racismo, homofobia, Xenofobia, intolerância religiosa etc); As mudanças de hábitos como vícios, voto consciente, reciclagem, dentre outros. Enfim, o professor de geografia do curso preparatório deve julgar se conseguiu, através de suas aulas, transformarem seus alunos em cidadãos mais críticos.

Os professores devem aproveitar a oportunidade, pois é no pré-vestibular que a maioria dos alunos fica mais receptiva e com a mente aberta para aprender o novo.

Assim, é uma grande oportunidade para se abrir seus horizontes sobre a vida, a sociedade que os cerca e seu papel nesta mesma sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base da experiência vivenciada e a análise empírica é possível apontar algumas considerações.

Observamos os desafios que são discutidos diariamente na graduação. A relação professor-aluno, os métodos de ensino e aprendizagem os métodos didáticos elaborados por grandes nomes.

É relevante compreender, porém que o pré-vestibular social é uma educação não formal, onde a avaliação do aluno não é obtida por meio de provas e trabalhos que são elaborados pelo discente, mais por uma prova que é corrigida por uma bancada independente e onde esses resultados serão disputados por aproximadamente 4,6 milhões de alunos.

Com base nesses dados vemos que a postura do discente que leciona nessa área, é que além da função de educar, ele tem também a obrigação de motivar, descontrair e não deixar que esse aluno desista. De fato é um trabalho difícil, pois além da necessidade que esses alunos têm de conseguir uma vaga na universidade ele ainda enfrenta problemas econômicos sociais.

Esses discentes literalmente lutam pelo êxito e nós docente tentamos motivá-los e a cada dia praticando aulas dinâmicas, descontraídas que frequentemente traz a esses alunos a realidade da concorrência, oferta e procura.

* Fonte IBGE